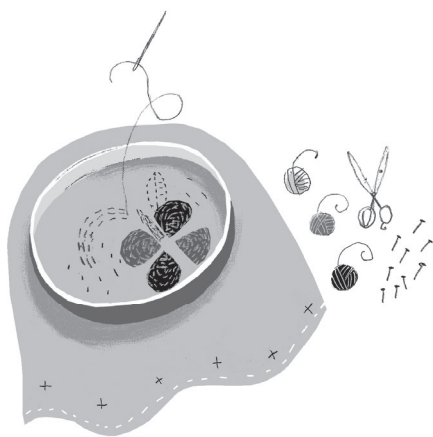


Borboletas na chuva



Neusa Sorrenti

Ilustrações
Lúcia Brandão

Borboletas na chuva



1ª edição



Copyright © Neusa Sorrenti, 2012

Gerente editorial: ROGÉRIO CARLOS GASTALDO DE OLIVEIRA

Editora-assistente: KANDY SGARBI SARAIVA

Coordenação e produção editorial: TODOTIPO EDITORIAL

Preparação de texto: FABIANA PELLEGRINI

Auxiliar de serviços editoriais: FLÁVIA ZAMBON

Estagiária: GABRIELA DAMICO ZARANTONELLO

Suplemento de atividades: LIA D'ASSIS

Revisão: LEONARDO ORTIZ MATOS e RAÍSSA NUNES COSTA

Produtor gráfico: ROGÉRIO STRELCIUC

Gerente de arte: NAIR DE MEDEIROS

Projeto gráfico e capa: DANIELA ROCHA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sorrenti, Neusa

Borboletas na chuva / Neusa Sorrenti; ilustrações
Lúcia Brandão — São Paulo; Saraiva, 2012. (Coleção
Jabuti).

ISBN 978-85-02-17193-0

1. Ficção — Literatura infantojuvenil I. Brandão, Lúcia.
II. Título. III. Série.

12-06649

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura infantojuvenil 028.5
2. Ficção: Literatura juvenil 028.5

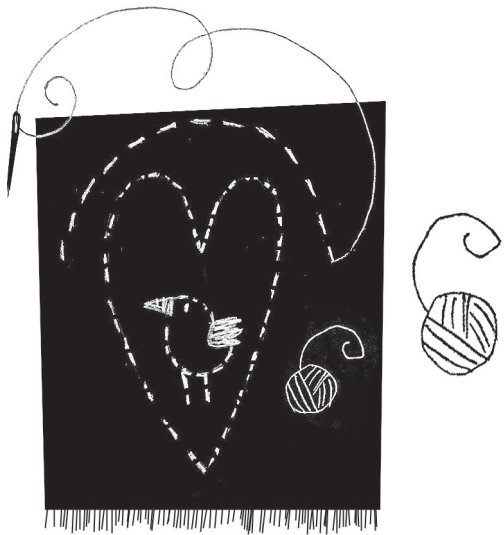
7ª tiragem, 2019



Direitos reservados à
SARAIVA Educação S.A.
Avenida das Nações Unidas, 7.221 – Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP
www.coletivoleitor.com.br

Tel.: (0xx11) 4003-3061
atendimento@aticascipione.com.br

CL: 810235
CAE: 571424



A notícia da morte trágica do Joel, quatro anos após ter partido com a mãe para morar na capital paulista, causou surpresa na cidade. E uma dúvida diante da reação discreta e até silenciosa da família da Stella. Afinal, Joel era amigo do irmão dela, Germano, colega de infância. No entanto, todos conheciam a tendência dele para se meter em confusão. Esta história que vou contar é comprida e se mistura a muitas outras. Parece mais um rolo emaranhado de barbante que vai se desenrolando morro abaixo, deixando à mostra alguns nós.

Ninguém sabia direito por que o tio Renzo, tio da minha amiga Stella, tinha aquele jeito distante, enviesado mas ao mesmo tempo carinhoso de olhar as pessoas. Zorlho ele sempre foi. Mas aquele verde azulado que inundava seus olhos, aquela expressão de dúvida, ninguém sabia se era de desencanto com alguma coisa mal resolvida dentro dele ou se era charme mesmo. Quem é que sabe, quem é que pode saber...

Tio Renzo acompanhava os fios do tempo até onde era possível alcançar. Porque a vida é costureira: corta, alinhava, costura, desmancha, conserta, costura de novo, arremata os fios, esquece uns soltos.

Eu era grudada na Stella e pra mim ela contava tudo. Que o pai, Rodolfo, andava muito calado; que a mãe, Maria Marta, às vezes parecia uma maria vai com as outras, daí o apelido

M. M., isto é, Mosca Morta; e que o Germano estava cada vez mais bagunceiro e atrelado a péssimas companhias.

Vou contando devagar pra não perder o fio da meada. Morávamos numa cidade pequena muito boa de se viver, mas meio atrasada. Tínhamos o costume de contar potoca por horas e horas; brincar de fazer bordado com espinho de laranjeira em folhas de laranjeira ou de taioba; fazer guisado de legumes em panela de barro; ir ao circo ou ao parque de diversões quando vinham à cidade. Os divertimentos eram mais ou menos desse tipo.

O melhor do circo ou do parque é que tínhamos um passe “permanente” pra assistir de graça ao espetáculo ou ir nos brinquedos. Isso porque o pai da Stella trabalhava em repartição pública. Ganhava uma mixaria, mas essa moleza ele tinha.

Nós disputávamos a tapa esse passe com o desesperado do Germano, que se achava o maioral. O tio Renzo, que eu chamava de tio também, sempre entrava no meio da briga e separava os dias em que cada um podia usar o passe. Com isso, as letras na cartolina do bendito permanente iam ficando cada vez mais apagadas, quase irreconhecíveis.

— Tenham dó, brigar por causa de circo e de andar de carrssel? Tenham santa paciência!

Ele falava coçando a ponta da orelha direita, onde dava muito cravo e espinha, que a Stella adorava espremer.

Quando a gente tem uma amiga muito das amigas, parece que a história dela é a da gente, sem tirar nem pôr. Fiquei muito enciumada quando a Stella fez amizade com a Soraya (assim com ípsilon) e passou a não dar mais muita bola pra mim. A Soraya trabalhava num circo que chegou certa vez à cidade.

O Circo Irmãos Elias montou sua lona perto de casa, num terreno vago da prefeitura. O padre Geraldo, nosso chapa e também vizinho, adorava circo ruim. Dizia que, quanto mais remendo tinha a lona, melhor era o circo.

A Soraya era trapezista e quase da nossa idade. Foi ela que nos ensinou a brincar de barriga de sapo no galho da mangueira. A gente embolava a saia do vestido dentro da calcinha, ficava pare-

cendo um calção bufante, o maior luxo! Depois era só prender os pés e as mãos no galho, e fazer um arco com a barriga. Ficava mesmo parecendo um sapo. Um sapo rindo à toa, feito gente boba.

Tio Renzo falava que gente boba mesmo era quem achava canivete na rua! Nós nunca achamos. Só uma vez achamos uma nota toda amassada, feito dinheiro de bêbado. E quem sabe se não podia até ser do tio Renzo?

A gente tinha inveja da Soraya, porque, além de ser artista, ela dava notícia, fazia propaganda e oferecia música no alto-falante do circo: “Raimundo oferece este bolero, com muito amor e carinho, pra alguém e esse alguém sabe quem!”.

Aí começava a chiadeira do disco e a gente rachava de rir na cabine de tábua.

Uma vez, o Germano fez ferver o sangue da Stella, debochando e espalhando que ela queria ser “matriz” de cinema. É porque ela havia falado bem rápido “uma atriz de cinema”. Que ódio! Tudo era motivo de deboche. Ela correu até o pai e disse que queria ir embora com aquele circo e não voltar nunca mais.

— Ô filha, você ainda é tão pequena, entrou na escola agora. A vida de circo é muito sacrificada. Não tem cama direito, banheiro nem se fala, os artistas ficam andando de um lugar para o outro. O período escolar fica todo partido com essas mudanças de uma cidade pra outra! E eu? Como vou viver sem a minha urubuzinha do coração?

Ela pensou bem e percebeu que fugir com o circo não ia resolver nada. Para vingar o irmão, enterrou no canteiro de couve umas bolinhas de gude, das grandonas, daquele songamonga do Germano Cara de Pano (ele odiava ser chamado assim). Ele procurou até dizer chega, mas nunca encontrou. Um crime perfeito.

Tirando essas bobageiras de inveja e de ciúme da Soraya, eu e a Stella conversávamos muito. Até porque circo não é eterno. Assim como veio, vai embora e sabe-se lá se um dia volta.